

ARQUITETURA E FILOSOFIA DA DECONSTRUÇÃO

Jorge Mario Jáuregui¹

Ao longo d[do século XX] século, tem-se produzido o deslocamento de conceitos dentro do campo de pensamento configurado pela reflexão sobre o urbano-arquitetônico, desde o moderno até o pós-moderno e, mais recentemente, à incorporação de conceitos da filosofia da deconstrução de Jacques Derrida [1930-2004].

Analisando a arquitetura como um sintoma da cultura, podemos perceber que ela se tornou, nos últimos anos, particularmente sensível, permeável às conceitualizações de Derrida, porque a forma de trabalho do pensamento que ele propõe abre a perspectiva de colocar o campo da reflexão teórica da arquitetura em uma condição pós-hegeliana no sentido da elaboração de um pensamento menos dicotômico (como o que caracterizou as polaridades da arquitetura moderna: forma-função, estrutura-ornamento, figurativo-abstrato, etc.), dirigindo o interesse para a exploração dos espaços “entre” estas categorias, o que leva, em última instância, a uma reformulação da arquitetura.

Esta aproximação à filosofia da deconstrução, entretanto, não foi linear nem sistemática e, muito menos, pensada a partir da lógica e do campo de interesse da realidade do Terceiro Mundo, dos países periféricos como todos os da América Latina. Não significa, no entanto, que deixe de apresentar interesse e uma contribuição ao desvendamento da nossa realidade mesmo como uma consequência não buscada, como um desdobramento, pois ela é parte do “espírito da época”. Assim, podemos traçar um paralelo com a introdução das ideias da modernidade no país, que promoveram um debate internacionalmente inspirado e nacionalmente orientado, não impedindo, porém, uma produção especificamente brasileira, que hoje exige uma releitura à luz das novas realidades, buscando uma nova síntese. Mas isso ocorre não só no plano das artes visuais como também na psicanálise ou em qualquer outra área que, tendo se originado em um outro contexto, no entanto é “apropriada”, “traduzida”, condicionada para possibilitar “pensar” uma outra realidade diferente daquela onde surgira. No “campo” da arquitetura, isso se exprime através da polaridade representada pelo “espírito da época” e pelo “espírito do lugar”, ou seja, a referência a estruturas universais portadoras de novos conteúdos de um lado, e a estruturas determinadas pelas condições locais, de outro.

Estas duas esferas interatuantes devem ser sintetizadas no objeto arquitetônico.

Com referência a essa condição de “receptores passivos” à qual os países centrais nos querem limitar, é interessante pensar no conceito alemão de *nachholbedarf* que identifica a absorção de informações desestruturadas, condição típica da recepção de informações nos países periféricos, o que nos obriga a um duplo esforço de captação, seleção e “tradução”, para poder tornar esses *inputs* operacionais nas nossas condições. Em relação a essa problemática, a tarefa do crítico reveste-se de uma relevância ainda maior nos nossos países, exigindo, por exemplo, a instalação de um amplo debate latino-americano conduzido por nós mesmos, e a constituição de comitês de redação que possam orientar as publicações sobre arquitetura em função de categorias analíticas consistentes, bem como a apresentação de projetos nos quais a fundamentação teórica demonstre o mesmo nível de interesse e elaboração da proposição formal, combatendo a tendência “visualista” e, portanto, superficial da maior parte das publicações sobre arquitetura.

Quando se fala de deconstrução em relação à arquitetura é necessário diferenciar entre aplicação da teoria da deconstrução ao pensamento das questões arquitetônicas (*deconstrucionismo*) e a referência à investigação formal da vanguarda russa (*deconstrutivismo*), fazendo ao mesmo tempo um grande esforço para combater sua adoção como uma moda a mais, baseada apenas na consideração de um vocabulário formal, prestando muita atenção a seu aspecto mais significativo, que é o estímulo e a instrumentação para pensar criticamente conceitos preestabelecidos e aceitos como verdades inquestionáveis, como significados únicos e hierarquias excludentes, desde os estudos até a gênese dos conceitos, arrancando daí para sua revisão radical. Neste sentido, implica, por exemplo, a revisão de *slogans* da Modernidade, tais como “a forma segue a função”, isto é, a identificação do útil e do belo que foi o maior *handicap* do Estilo Internacional, e com ele o miesiano *less is more*, mas também o venturiano *less is bore*, que orientou uma certa via de reflexão sobre o que se denominou Pós-Modernidade e que significa que não têm razão nem os que defendem com afinco o Movimento Moderno racionalista, nem os propugnadores programáticos de revivalismos paradoxais. As tentativas dos últimos anos de aproximação à filosofia da deconstrução representam um avanço sobre o Movimento Moderno não no sentido de uma atitude redentora da sociedade, senão como esforço destinado a produzir conhecimento, como ativador social e espacial, questionador de valores largamente aceitos.

¹ Arquiteto e crítico de arquitetura, cujo artigo foi publicado originalmente na revista **AU – Arquitetura e Urbanismo**, n. 36, ano VII, jun./jul. 1991.

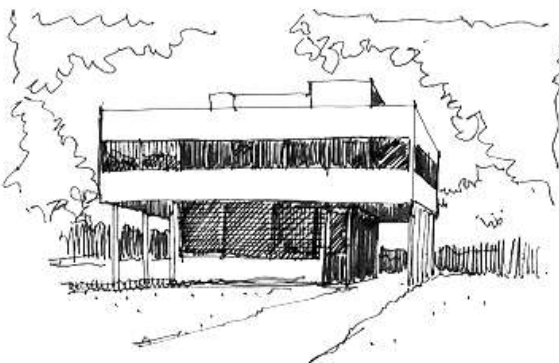
ELEMENTOS PARA UM DEBATE

Buscando contribuir para um debate em torno da atual questão teórica da arquitetura, pode-se dizer que existem dois aspectos do campo magnético da arquitetura: o lógico-científico e o emocional-cultural. Dessa tensão, nasce a arquitetura.

A situação atual caracteriza-se por uma redefinição da relação entre lógica e emoção. Goethe [1749-1832] disse: “Pensamos em base lógica, sentimos em base emotiva”. A lógica envolve elementos cognitivos relacionados à razão enquanto a emoção implica elementos narrativos relacionados ao passado. Além disso, na arquitetura sempre se trata de relacionar os aspectos universais com as problemáticas particulares. Uma possibilidade de leitura do percurso do pensamento arquitetônico no [nosso] século permite a seguinte pontuação:

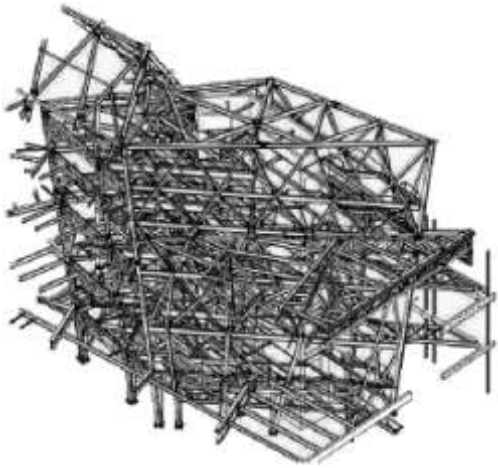
MODERNISMO

A ideologia do modernismo na arquitetura implicava: (a) que a forma se resolvia com o simples atendimento da função: “a forma segue a função”; (b) saber “ver” a arquitetura era a questão e pressupunha a conquista de uma síntese compositiva através do *livre jogo dos volumes sob o sol*, montagens “maquinistas” de formas em harmoniosa cooperação; (c) a perseguição da inovação a qualquer custo, mantendo uma cega *fé no progresso* centrada na máquina como paradigma; (d) a questão de *visibilidade ligada às experiências do abstracionismo* na pintura (Le Corbusier, Ozenfant, Mondrian, Leger, etc.) como caminho para a “universalização” da linguagem arquitetônica; (e) *a razão como paradigma*; (f) *a eliminação do ornamento como aplicado*; (g) os “cinco pontos” de Le Corbusier [1887-1965] podem ser interpretados como uma *leitura crítica (implicando inversão) dos princípios clássicos*, segundo Alan Colquhoun [professor de arquitetura da *Princeton University*]; e (h) ao nível urbano, *incorporação por contraste* com o entorno existente, quando não se propunha simplesmente a eliminação do preexistente.



PÓS-MODERNISMO

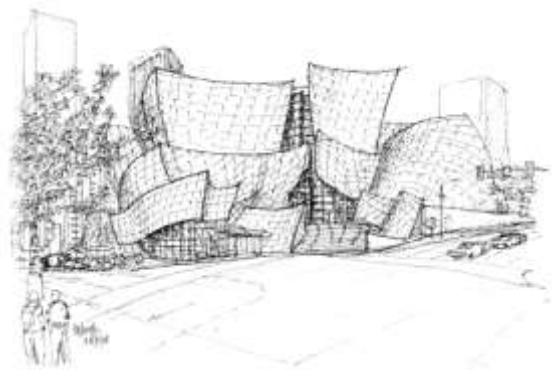
O pós-modernismo na arquitetura dirigiu sua atenção para: (a) revisão crítica do postulado de que a forma devia seguir a função a partir da constatação (através do estudo dos edifícios e das cidades históricas) de que *a função muda e a forma permanece*, como, por exemplo, os estudos de Aldo Rossi [1931-97] sobre arquitetura da cidade, portanto, a comprovação de que a função não é um dado suficiente para derivar a forma; (b) a formulação, em relação com o ponto anterior, de que é da análise das condições do entorno que se deve extrair o pretexto para o projeto; desta forma, a questão passa a ser: *saber “ler” a configuração do entorno*; (c) o contexto: *o lugar inventa o edifício*; (d) a preocupação com a arquitetura do ponto de vista da comunicação (com o usuário do objeto ou da cidade); daí a *ênfase nos problemas de linguagem*; (e) a recuperação do *valor do simbólico* na arquitetura; (f) a *“fé na tradição”* substitui a arrogância da busca da inovação a qualquer custo; (g) *a dúvida da razão* através do recurso à ironia e ao *chiste* nas composições; (h) a *inclusão programática do complexo e do contraditório* na ordenação visual do objeto e da cidade; (i) a *recuperação da figuração na arquitetura* tomou como referência o trabalho dos pintores surrealistas: Magritte, De Chirico, etc. (contiguidade de elementos díspares como fonte de novas significações); (j) a *referência ao neoclassicismo* nos métodos compositivos aplicados tanto ao *design* dos objetos quanto da cidade (através da busca da síntese, da estabilidade, da simetria, da proporção, da hierarquia); (k) a recuperação do ornamento como elemento de significação arquitetônica; (l) o objeto de reflexão ao nível do urbano foi a *busca de relação com o entorno existente* (por assimilação ou contraste); e (m) o *recentramento do homem* como fonte de referência fundamental na consideração do objeto e da cidade.



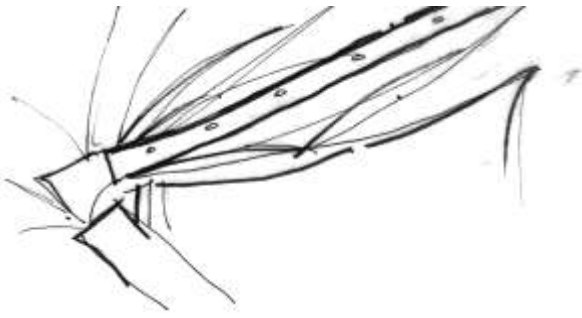
DECONSTRUCIONISMO

O pensamento deconstrutivo na arquitetura implica: (a) no aprofundamento do questionamento do conceito de função iniciado pelo pós-modernismo, que terá como consequência agora a *busca do refinamento da expressão dinâmica da forma* através da distorção do objeto moderno (volumétrico-prismático); há uma “subversão” do conceito de forma; a forma segue à deformação; (b) *é da forma, como se pensa um problema de estruturação projetual, que depende a ordem da “composição”*; portanto, a questão passa a saber formular um problema de composição arquitetônica ou urbanística; (c) que na ordenação do projeto, o que mobiliza é a *tentativa de modificar a nossa maneira fundamental de visualizar e compreender a arquitetura*, rompendo com a percepção habitual das formas e do espaço, intensificando-a através de estruturas e formas geométricas básicas, deconstruindo a ordem e o equilíbrio assimétricos que os pintores suprematistas e os construtivistas russos desenvolveram nas primeiras décadas do [século XX] e cujo abstracionismo incluía a tensão desestabilizante (Kandinsky, Malevich, Leodoniv, etc.); nesse sentido, a deconstrução implica continuação do modernismo como uma abstração distorcida, por exemplo: Coop Himmelblau e Daniel Libeskind [1946-]; (d) a reflexão deconstrutivista tem como *referência filosófica a elaboração teórica de Jacques Derrida*, da qual no entanto não podem ser feitas transposições diretas de um campo para o outro; o estímulo principal proveniente desse conceito na sua associação à arquitetura, consiste em promover uma atitude de revisão crítica em profundidade de todos os dogmas que constituem os pressupostos básicos das práticas arquitetônico-urbanísticas, desvendando-lhes sua lógica, induzindo uma análise genealógica da emergência dos conceitos para uma vez reordenados, re-significados e destituídos da hierarquia originária, estarem aptos a possibilitar a veiculação de novas significações; por exemplo: Peter Eisenman [1932-]; (e) o *edifício inventa o lugar*; (f) a inclusão do

fragmentário, do não-totalizado, da falta de completitude, como *tensões desencadeantes da lógica projetual*, colocando em jogo elementos anticlássicos como base da composição, envolvendo uma idéia do inacabado que tem como referência os trabalhos de pintores como Pollock, De Kooning e Cézanne (multiplicidade de tramas superpostas em camadas), na intenção de provocar uma reflexão sobre a natureza do espaço, das paredes, dos limites, por exemplo: Frank Gehry [1929-]; (g) o elemento de controle e articulação de toda a composição é a utilização do que foi chamado de “geometria misteriosa”; (h) a referência à vanguarda russa *recupera o sentido da utilização do método de superposição de monstagens geométricas e do uso de formas unitárias* (cubo, círculo, cone, espiral) e simultaneamente a superposição de materiais (contra-relevos), em um jogo de transparências, reflexos e brilhos (metálicos) contrastados com materiais opacos; por exemplo: Zaha Hadid [1950-] e Bernard Tschumi [1944-]; (i) que a consideração que se faz do entorno não é em função de propor um diálogo amigável com ele. A posição não é a de uma intervenção que busca captar a “simpatia” do lugar, mas *evidenciar os conflitos, transformar a desordem e a falta de “atrativos físicos” no próprio fundamento das propostas*, assim, não é o “centro” o ponto de referência senão a periferia, aquele “não-lugar” onde o urbano está em potência como um “vir a ser”, por exemplo: Rem Koolhaas [1944-]; (j) na existência como pano de fundo de tudo isso da *revolução operada nos modos de produção e circulação das informações* na sociedade contemporânea.

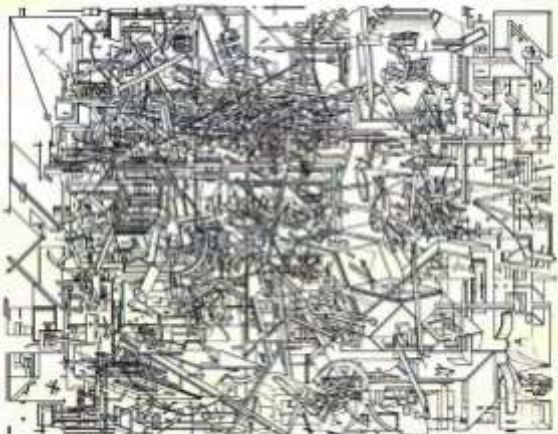


Podemos vislumbrar nesta seqüência (modernismo, pós-modernismo, deconstrucionismo) os encadeamentos, os giros e deslocamentos; os recentramentos, em suma, uma dialetização das questões abrindo espaço para novas buscas. Hoje, estamos interessados tanto na arquitetura quanto em outras manifestações artísticas (pintura, literatura, cinema, etc.) em uma exploração das mediações entre, por exemplo, figurativo e abstrato, entre lógica e “irracionalidade” ou lógica e “caos”, entre objeto e lugar, entre natural e racional.

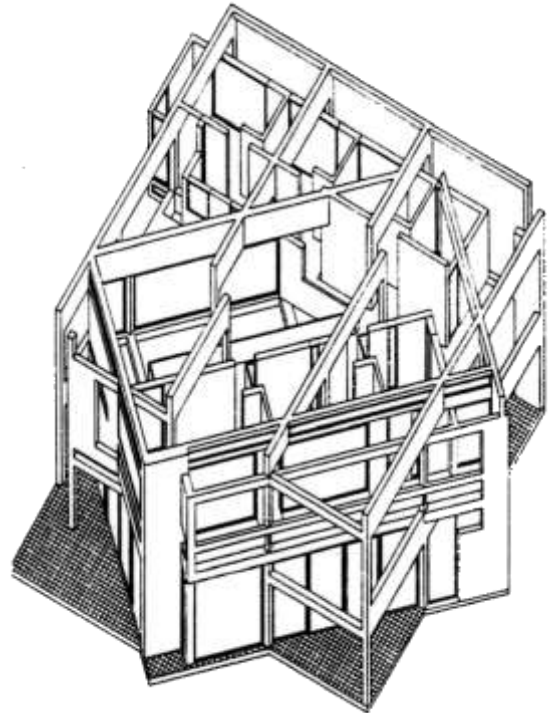


A colocação dessas questões em relação à arquitetura e ao espaço urbano aproxima-nos cada vez mais da formulação de uma verdade do homem, expressa em diferentes campos do conhecimento, por diferentes saberes, que são as verdades referidas ao problema de como ele está imerso pelo fato de ser homem (possuir uma cultura, possuir elementos simbólicos que lhe permitam ter acesso, ter algum conhecimento do real) em uma estrutura que não é totalizadora e, portanto, de como este acesso ao saber não é total, sendo por esta razão a “incompletude” entendida como uma falta constitutiva que está sempre presente como uma condição estrutural, como causa. Essa falta é chamada nas ciências “ponto de ignorância” ou efeitos desconhecidos. Na psicanálise, ela se chama *inconsciente*.

A problemática abordada pelo pensamento deconstrutivo aplicado à arquitetura aponta para essa questão da estrutura através da busca da inclusão do fragmentário, do não-totalizado, dessa falta de “completude” que no entanto é estruturante, e quando se diz que se trata de uma questão de estrutura é porque constitui sua condição de existência. O que se tenta mediante a atitude deconstrutiva na arquitetura é precisamente dar conta desta nova consciência, no pensamento do objeto. Ela se traduz, de um lado, na busca de uma “composição” capaz de incluir uma tensão dinâmica desestabilizante entre os diferentes elementos que a constituem, e de outro, na utilização de parâmetros estéticos onde o sentido do belo nasce pela oposição e não pela integração dos contrários, do diverso, e do fragmentário.



A reflexão deconstrutiva opera sempre “de dentro” de uma linguagem, e representa na arquitetura o esforço de responder à “cultura da congestão” que tem produzido a superabundância de estilos de vida empilhada e de funções de que fala Rem Koolhaas. Porque ela não tem por objetivo a obtenção de uma forma figurada geral; os esquemas resultantes aparecem sob o signo da desorientação.



Com esses comentários quero indicar o sentido positivo, renovador, instigante e de aprofundamento que adquire a discussão em torno dessa questão teórica na arquitetura, cujo mérito consiste, no mínimo, em ter escolhido como ponto de referência o construtivismo russo dos anos 1920, abrindo dessa forma uma via alternativa ao *revival* neoclássico que tem dominado grande parte do *Movimento Pós-Moderno*. E mesmo se tratando de um outro *revival*, ele vem retomar um momento muito importante da vanguarda no sentido do interesse na tradição não-tradicional da Modernidade, com todo o potencial questionador, indagador e inovador que caracteriza um pensamento de ruptura.

FIM